

O AMOR COMO CATALISADOR DE COLECIONISMO

Attico Chassot*



BEAUVOIR, Simone de. *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 557 p. [Tradução do inglês e comentado por Sylvie Le Bom de Beauvoir. Tradução e edição do francês Letres à Nelson Algren para o português: Márcia Neves Teixeira e Antônio Carlos Austregesilo de Athayde] ISBN 85-209-1065-7.

Neste número de *Episteme* estão amalhados textos sobre colecionismo. Assim, parece quase natural que se tenha uma resenha de livro que, na sua confecção, pudesse ser caracterizado como o resultado de um colecionar, e mais, um colecionar com paixão. Preciso dizer, que a escolha da obra que fiz, não quer parecer ‘forçar a barra’. Não há como deixar de imaginar o livro aqui recomendado como produzido a partir de mais de três centenas de lindas cartas de amor, escritas por uma das maiores intelectuais do século XX, cuidadosamente juntadas por mais de três lustros, seja, assim, resultado de coleção.

Por razões que logo se tornarão evidentes, este texto quer ser também uma celebração de *Episteme* ao centenário de nascimento de Jean-Paul Sartre, ocorrido em 21 de junho de 2005. Esse filósofo e escritor francês, falecido em 1980, foi um dos intelectuais mais controvertidos do século XX, marcando a história ao recusar o Prêmio Nobel de Literatura em 1964, está, de maneira simbiótica, associado a autora do livro aqui resenhado. Assim, está justificada aqui a comemoração do centenário.

* Doutor em Ciências Humanas: Educação pela Ufrgs. Professor no Centro de Ciências Humanas e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Membro do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências do Ilea/Ufrgs. E-mail: achassot@portoweb.com.br

Poucos dos móveis de uma coleção têm um catalisador tão forte quanto o amor. Talvez, colecionar cartas de amor seja uma das formas mais genuínas de colecionismo, fazendo associação a uma mania obsessiva, como refiro em outro texto neste mesmo número de *Episteme*. Pois é o meu encantamento com a coleção de *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico, 1947-1964*, feita livro, que reparto não sem emoções nesta resenha. Ser Simone de Beauvoir a autora dessas cartas explica meu entusiasmo.

Simone de Beauvoir (1909-1986) nasceu em uma família burguesa, que se traduz já em seu nome pomposo: Simone Lucie-Ernestine-Marie-Bertrand de Beauvoir. O pai era um advogado de renome e a mãe ligada fortemente ao catolicismo. Ainda adolescente, mesmo educada em uma escola católica, rejeita a religião e também os vínculos familiares ligados à sociedade parisiense que fora seu berço. Foi, muito provavelmente, uma das maiores intelectuais do século XX. Apontou caminhos que anteciparam o feminismo e ofereceu a ele não apenas sólidas reflexões teóricas, mas uma consistente prática, marcada por um engajamento muito significativo. Um de seus livros mais famosos – *O segundo sexo*, de 1949 – onde dissecou, com acuidade, a condição feminina, vendeu, em poucos dias, 20 mil exemplares na França. Em seguida, o livro foi traduzido ao alemão e ao inglês e depois teve traduções para espanhol, árabe, dinamarquês, hebraico, húngaro, italiano, holandês, norueguês, polonês, português, servo-croata, eslovaco, sueco, tamil, checo. A dimensão desse percurso babilônico fez da autora a escritora feminista mais lida do mundo, como, também, uma das figuras míticas das letras francesas do século passado.

Um amor transatlântico se inicia em 1947, quando Simone de Beauvoir, em viagem aos Estados Unidos, foi apresentada a um escritor estadunidense, então quase desconhecido, Nelson Algren (1908-1981),¹ surgindo então uma muito linda história de amor que passamos a conhecer com detalhes por 304 cartas escritas durante 17 anos, entre 1947 e 1964. Algren se torna famoso especialmente pelo livro *O homem do braço de ouro* (1949), que originou o filme homônimo com Frank Sinatra.

A fruição da leitura dessas cartas nos envolve em uma apaixonada história de amor e nos oferece um contexto muito rico, onde se aprende acerca da história da humanidade imediatamente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), acompanhando o companheirismo de Simone com seu guru maior Jean-Paul Sartre e suas propostas filosóficas, matizada no cenário da literatura, do

¹ Na página do autor na *Books and writers*, <http://www.kirjasto.sci.fi/nalgren.htm>, está registrado o ano de nascimento como sendo 1909. Mas, pelas cartas, as celebrações de aniversários permitem inferir ser 1908. O nome original do escritor é Nelson Ahlgren Abraham.

cinema e da política de então, especialmente na polarização entre capitalismo e comunismo. São momentos importantes as dificuldades dos dois intelectuais para conseguirem vistos para entrar nos Estados Unidos, por exemplo.

Sartre e Simone, em suas vidas e em suas obras, levaram a Filosofia às ruas e aos cafés. Transformaram bairros como Saint-Germain-des-Prés e Montparnasse em ícones da contracultura do pós-guerra. Vale ainda recordar o quanto esses dois foram paladinos da Paz, especialmente se envolvendo nas lutas pela libertação da Argélia, então colônia francesa, que o governo do Presidente de Gaulle não queria perder. Aliás, Sartre estava em visita ao Brasil, em 1960, quando assinou um famoso manifesto dos 121 em defesa de rebeldes argelinos. Ao voltar à França, não foi preso, porque, segundo o general de Gaulle, “não se prende um Voltaire!”.²

Talvez deva se reconhecer o quanto é válida a caracterização de Sartre – cuja obra se constitui, ainda hoje, numa das melhores críticas ao capitalismo – como o grande filósofo midiático pelo uso do rádio, jornal – chegava ser panfletário indo às ruas de Paris vender seus jornais –, televisão e cinema na defesa de suas idéias.

Também se conhece nessa coletânea de cartas a nada ortodoxa relação amorosa de Simone com Sartre. Vale dizer que a relação com Algren não é uma relação paralela, pois partilhada com Sartre, que no período é o melhor amigo e parceiro intelectual de Simone. Ela, todavia, reconhece, em uma das cartas, que na cama ele não é um bom companheiro. Foram parceiros em uma relação que ainda escandalizava o conservadorismo da segunda metade do século passado por mais de 50 anos. Maria Rita Kehl³ conta que a morte de Sartre deixou Simone em estado de choque, quando esta já tinha 71 anos, tendo ficado doente e seriamente esgotada, escreveu: “Sua morte nos separa. Minha morte não nos reunirá. Assim é: já é belo que nossas vidas tenham podido se harmonizar por tanto tempo.” Simone ainda viveu cerca de seis anos.

É no período que nos abeberamos das cartas que Simone escreve, pelo menos, três dos seus livros mais importantes: *O segundo sexo*, *Os mandarins* – este livro é dedicado a Nelson Algren – e *Memórias de uma moça bem comportada*. Nessas criações podemos acompanhar as discussões que ela estabelece particularmente com Sartre, então no auge de sua produção e,

² De entrevista de Bento Prado Jr publicada no caderno *Mais da Folha de S. Paulo*, de 12 de junho de 2005, especial acerca do centenário de nascimento de Sartre.

³ No artigo “Relação com Simone Beauvoir quebrou preconceitos” no mesmo caderno comemorativo referido na nota anterior.

também, nos inteiramos da disciplina intelectual que uma e outro se impõem como escritores. Permito-me referir o quanto isso se constitui em aprendizado para mim.

Podemos acompanhar com a leitura das cartas, às vezes completadas por oportunas notas de rodapé, um contextualizado panorama de duas décadas de história das artes, da política e do existencialismo da França, e de muitos países que, então, orbitavam em torno da cultura francesa, em período no qual tanto Sartre como Simone recebiam o reconhecimento por sua intensa produção literária enquanto desenvolviam intensa militância política. Então, somos levados a conhecer tratativas com os editores e mesmo as dificuldades em manter a publicação da revista mensal *Les Temps modernes* juntamente com Merleau-Ponty e Raymond Aron. Àqueles de nós que se envolvem com edição de livros e revistas, a entrada nesses meandros do mundo editorial de então é gratificante.

Até pouco antes de morrer, Simone vinha trabalhando na organização e tradução das cartas – escritas em inglês, pois Algren não lia francês – ao lado da sobrinha, Sylvie Le Bon de Beauvoir, que é apresentadora da obra e a tradutora para o francês das cartas. Vale dizer que a necessidade de Simone de ter que escrever em inglês é muito lamentada por ela, pois não apenas por às vezes lhe faltar o domínio de certos detalhes, mas também há uma contínua crítica à inexistência de qualquer interesse de Algren buscar entender o francês. Ela faz, por exemplo, extensas sinopses de livros e artigos para ele, para que os conheça antes de surgirem as traduções ao inglês dos mesmos.

Como as *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico* são escritas de diferentes países, praticamente de toda Europa, do norte da África, da Ásia, e mesmo do Brasil (Rio de Janeiro, Brasília, Recife, Manaus...) somos levados a viajar com Simone - às vezes em companhia de Algren e muitas outras junto com Sartre - em distintas geografias, que nos são descritas com a perspicácia de uma mulher sábia. Muitas vezes, as viagens com Sartre são para 'retiros' no interior da França ou a algum país da África, para que os dois tivessem paz para escrever. E é no acompanhar dessas viagens que se estabelece mais uma razão para recomendar entusiasmado este livro aqui em *Episteme*. Acredito que temos nele, também, uma materialização de uma prática colecionista.